

CAMPO ARTESANAL E PRODUÇÃO ACADÊMICA: ARTESANATO E ARTESÃOS NO BRASIL

Daniel Roberto Vega Torres*

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar um estudo de revisão da produção acadêmica sobre artesanato e artesãos no Brasil entre os anos 2000 e 2014. O trabalho tem como dados a identificação e o objeto de pesquisa foram 172 documentos entre artigos, dissertações e teses. Primeiro, realizou-se uma relação contextual do campo artesanal, desde sua constituição como patrimônio cultural e como empreendedorismo. Logo se apresentou uma descrição teórica do campo artesanal e sua relação com a produção acadêmica. Em seguida se propõe uma forma de trabalho de análise posicional dos documentos por meio da análise da identificação, posteriormente se expõe uma análise dos textos desde seu conteúdo, focalizando o problema ao contexto geográfico, cultural, econômico e político. Embora exista crescimento nos últimos anos de produção do artesanal e de conhecimento sobre ele, a integração social é ainda pouca e merece fortalecimento na construção de instituições onde os saberes e conhecimentos sobre a atividade seja mais aberta e integradora das diferentes regiões do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Artesanato; Campo artesanal; Produção acadêmica; Brasil.

ARTISANAL MILIEU AND ACADEMIC PRODUCTION: ARTISANATE AND ARTISANS IN BRAZIL

ABSTRACT: A review of academic production on artisanal works and artisans in Brazil between 2000 and 2014 is provided. One hundred and seventy-two articles, dissertations and theses were identified and researched. A contextual relationship in the artisanal field from its constitution as a cultural heritage and entrepreneurship was undertaken, whilst a theoretical description on the artisanal field and its relationship with academic production was forwarded. The position analysis of the documents was undertaken through identification, after which text analysis on contents was performed within the geographical, cultural, economic and political context. Although artisanal production and knowledge on the subject have increased during the last years, social integration is low and should be strengthened in institutions where knowledge and information on the activity would be more

* Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Brasil; E-mail: dvega0406@hotmail.com

open and an integrating motif from the different regions of Brazil.

KEY WORDS: Artisanate; Artisanal milieu; Accademic production; Brazil.

INTRODUÇÃO

Uma das formas de compreender o campo artesanal é interpretá-lo como um espaço social acadêmico, onde se produz uma série de trabalhos que geram e recriam os códigos que se usam na prática social. A atividade de pesquisa e produção do conhecimento formal sobre o cultural permite medir a relação entre as disciplinas, a atividade social e a direção dos esforços acadêmicos para o debate sobre o cultural no Brasil. Um estudo do estado das publicações recentes sobre o artesanato desde os centros acadêmicos pode servir de avaliação das problemáticas trabalhadas no momento e as formas de inserção e interpretação do campo desde diferentes agentes sociais com conhecimentos diversos. A produção de conhecimento tem implicações políticas e econômicas, tanto na forma de reconhecer os objetos e os agentes, dando legibilidade, como na forma de programar ações para a formação empresarial e patrimonial como eixo do movimento social atual do artesanal.

O estudo tem pertinência na medida em que o debate atual sobre o artesanal apresenta uma análise mais focalizada aos discursos do Estado e os artesãos, desconhecendo as intervenções acadêmicas como um processo de formação disciplinar desde o século XX, e sua contribuição direta (programas governamentais) ou indireta (pesquisas e planos de estudo) na construção do campo artesanal no Brasil. Nesse sentido, fazer um estudo da produção do conhecimento do artesanal, entendido como uma atividade de participação diferenciada, permite entender os interesses e posições que os agentes ocupam no espaço social.

O objetivo do artigo é apresentar um estudo de revisão da produção acadêmica sobre artesanato e artesãos no Brasil entre os anos 2000 e 2014. O trabalho tem como dados os documentos do Portal de Periódicos CAPES e da base de dados Open Access Teses e Dissertações (OATD) onde, com as palavras-chave “artesanato” e “artesão”, logrou-se a coleta de 172 documentos entre artigos, dissertações e teses, permitindo analisar os dados das dimensões identificação e objeto do documento.

Primeiro, realizou-se uma relação contextual do campo artesanal desde sua constituição como patrimônio cultural e como empreendedorismo, após se fez uma descrição teórica do campo artesanal e sua relação com a produção acadêmica. Em seguida se propôs uma forma de trabalho de análise posicional dos documentos por meio da análise da identificação, posteriormente se propôs uma análise dos textos desde seu conteúdo, focalizando o problema ao contexto geográfico, cultural, econômico e político. Por último analisou-se uma relação da produção acadêmica e as características do artesanato como atividade social, fazendo uma crítica às posições e interesses que a constituem.

1.1 PATRIMÔNIO CULTURAL E EMPREENDEDORISMO NO CAMPO ARTESANAL

A atividade artesanal pode compreender-se historicamente como um processo com fortes mudanças ao longo dos últimos séculos, o que permite que tenha como característica particular a polissemia. O trabalho artesanal, no século XX, deriva da compreensão histórica de duas formas de produção no século anterior desde sua concepção territorial, a primeira, com os ofícios e as atividades produtivas nas grandes metrópoles com guildas, até os princípios do Império quando foram extintas, sendo estas as formas de sociabilidade mais reconhecidas no ocidente com a formação de mão de obra na colônia, que tinham status e poder social (MARTINS, 2007). A segunda, com a produção dentro das grandes fazendas e demais populações rurais, na economia de subsistência em que os ofícios reproduzem formas de vida cotidiana, a relação entre o trabalho e a subsistência materializa a reprodução de técnicas laborais, mas não obtém algum status significativo à diferença dos trabalhadores nas metrópoles (FURTADO, 1963). A submissão do trabalhador escravo e livre mudou-se ao contrato logo da abolição da escravidão, o que significou outra forma de exploração no mercado liberal (HUNOLD, 1998).

Embora se identifique como uma forma de exclusão da população do trabalho industrial no início do século passado, o artesanal é um fenômeno complexo de técnicas, formas de organização laboral, cultural e de sociabilidade que se estende pelos territórios e ambientes sociais. Relativamente é um fenômeno recente na academia, pois só desde o século XX tem importância na configuração

social dos países latino-americanos como problema ou questão social (VEGA, 2013). De forma contrária à problemática de desigualdade e exclusão, em que se constrói a atividade, os primeiros trabalhos sobre o artesanal têm como objeto os valores, representações e crenças da população. O trabalho político e econômico na procura de obter um governo forte nos territórios obriga a desenvolver ações de organização locais, em especial com a ideia de fortalecer o “caráter nacional” brasileiro (CHAUI, 2000).

A construção da nação brasileira permite o surgimento da questão cultural, especialmente o reconhecimento do folclore e a necessidade de descrever e representar as diversas formas de vida das populações rurais. O trabalho da produção acadêmica iniciou-se desde a profissionalização das ciências sociais, principalmente da antropologia (SALZANO, 2009). Na metade do século XX adquiriu-se uma relativa autonomia nos estudos, pois a condição laboral e o reconhecimento de direitos como trabalhadores conduz a outra forma de apropriação da atividade, o que permite uma mudança na prática acadêmica, adquirindo maior valor como uma expressão da forma de trabalho rural e informal (PEREIRA, 1956). Junto ao aumento na produção acadêmica, os problemas principais foram o crescimento da informalidade laboral, a exclusão de direitos sociais dos trabalhadores por conta própria, e o crescimento urbano não planejado.

Ao final do século passado, o artesanato se apresenta como uma atividade em crescimento, na medida em que a informalidade e o desemprego estrutural crescem (SERAINÉ, 2009), convertendo-se em um campo donde a diversidade de agentes e atividades se multiplica. Com as mudanças nas condições laborais desde os anos 80, logo da queda econômica no Brasil, e as reformas políticas na época, o cenário de relativa estabilidade na concepção industrial da produção nas metrópoles, obriga a um crescimento na participação da população em atividades economicamente diferentes, o que se constitui como uma forma de subsistência das famílias. O crescimento da individualização, a multiplicação das formas de identificação social, a flexibilidade dos tempos do trabalho, o rápido deslocamento das populações dentro e fora do país, o crescimento das tecnologias da comunicação e informação, o deslocamento do mercado laboral na globalização, e com ele os direitos coletivos, o crescimento da terceirização laboral, entre outros fenômenos (ANTUNES, 2002)

constituem um novo panorama de reconhecimento do artesanal.

Dois caminhos ou trajetórias são relevantes no reconhecimento de práticas de organização econômica, política e simbólica do artesanal. Desde o Estado e as associações civis se promove, por um lado, a proteção do artesanal como bens materiais e culturais que têm tradição e costumes que identificam e valoram as comunidades como eixo da diversidade dos territórios que conformam o país, sejam afrodescendentes, indígenas, ou das culturas europeias das diferentes migrações nos dois séculos passados. O artesanal como patrimônio cultural é uma força de ordenamento, um tipo de discurso que ordena os agentes, objetos e ambientes, permitindo sua identificação, classificação e distinção de outras formas de produzir, viver e comunicar. Fala-se de resgate, proteção e promoção do saber técnico, cotidiano e comportamental. Isto permite um tipo de debate desde o que se pode denominar como economia simbólica do artesanal (CORREIA, 2008).

Por outro lado, promove-se desde as ações políticas ao empreendedorismo, como uma forma de proteção e promoção econômica no mercado laboral, as formas de organização se multiplicam logo da integração da mão de obra expulsa do trabalho formal, seja pela ação negativa que implica uma separação da população ativa pela formação, idade, raça ou gênero - o que é parte distintiva do mundo do trabalho na globalização-, ou pela ação positiva (volitiva), como uma separação e construção de formas de vida desde fora do sistema laboral salarial. Neste último, a diversidade na organização pode dar-se tanto na procura por uma forma de integração relativamente autônoma para o mercado, e dizer a articulação da atividade artesanal como empresa (micro e pequena) como ideia de auto emprego ou, pelo contrário, como uma procura por alternativas ao capitalismo desde formas de organização de produção e mercados de troca sobre outras economias. Assim, isto permite outro tipo de debate que se pode denominar de economia política do artesanal.

As duas formas de ação constroem identidades, bens simbólicos e espaços de interação. Como identidades, pode-se falar na constituição do ser artesão, um agente diferente de outras profissões ou ocupações como o artista ou o técnico, embora se reconheça que as identidades são produto de interações sociais e não são entidades naturais das pessoas, esta problemática produz a necessidade de identificação corporativa ou de categoria pelas condições de políticas laborais no

país, o que leva a seguir as estratégias de formalização laboral industrial, no caso de Brasil, a carteira do artesão. Como bens simbólicos, reproduz-se a ideia do artesanato como uma construção discursiva do tradicional, é uma invenção que se constitui pela memória individual ou coletiva de uma população ou comunidade, o artesanato é produto dos interesses que legitimam uma “forma de olhar” os objetos. Além disso, constroem-se espaços de produção e comercialização: talheres, oficinas, lojas, férias etc. Os espaços são móveis e condicionados a um tipo de prática informal ou formal.

Para complementar a reflexão sobre o artesanal no Brasil, pode-se pensar como se produz conhecimento científico desde um dos espaços que constituem o campo, e dizer a academia. Pois, se a institucionalização das disciplinas científicas no século passado foi partícipe da formação da questão cultural, especialmente no artesanal como forma nacional e econômica da sociedade, então qual é a participação atual dos trabalhos acadêmicos na configuração do campo artesanal desde sua particularidade de proteção e promoção como patrimônio cultural e como forma de empreendedorismo empresarial no capitalismo? De forma geral, quem e onde se produz o conhecimento atual sobre o artesanato no Brasil desde os últimos anos? Assim, a análise tem como base a relação entre academia, atividade cultural e econômica no artesanal.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O trabalho artesanal, como forma particular do trabalho em geral, pode entender-se como uma atividade de produção de objetos ou serviços que tem valor material e simbólico, com organização em pequena escala e utiliza meios de produção manuais. Apresenta-se de duas formas na produção-circulação simples e na forma produção-circulação do capital (MARX, [1890] 2013). Na produção simples existe na atividade social dos indivíduos que recebem renda por venda de produtos. Embora não produza capital, podem realizar o capital em função da aquisição de capital-mercadoria, seja em matéria-prima ou meios de produção como ferramentas. Também se desenvolve uma forma de transição capitalista, por meio do capital comercial, permitindo aumentar o preço das mercadorias por venda direta

aos comerciantes. Na produção do capital existe uma relação salarial em pequenas empresas que permitem a valorização dos produtos como capitais individuais, gera-se uma relação entre capitalista e trabalhador (MARX, 1980). Como circulação de mercadorias, está articulada principalmente aos bens de consumo, sejam bens de subsistência ou bens de luxo (MARX, [1884] 2014). Na produção de bens de luxo, o trabalho artesanal depende dos mercados culturais em espaços especializados de venda, como lojas, vitrinas comerciais, feiras e exposições.

Por outro lado, a atividade artesanal é um campo social com relativa autonomia, nesse sentido se constitui de diversos agentes que entram em conflito e associação por uma série de recursos materiais e simbólicos, o que permite compreender sua realidade desde posições (objetivas) e disposições (subjetivas) ou interesses no espaço social (BOURDIEU, 2007). Os agentes do campo podem ser tanto artesãos como grupos ou associações de produtores e consumidores que participam do mercado. Eles se definem e posicionam no campo pelas condições de força que tenham para intervir no espaço social ou quantidade de capital que eles têm à disposição. Para o caso do campo artesanal o capital pode ser representado em capital cultural, econômico, social e simbólico. Não existe, desde uma visão sociológica, um artesão como fato essencial na sociedade humana. Existe um sistema de relações que permitem reconhecer um tipo de estrutura do artesanal que define sujeitos, práticas, identidades, códigos, normas e instituições em conflito e mudança.

Um dos agentes que participam da reprodução do campo são os acadêmicos e os pesquisadores, pois, além da pretendida neutralidade dos estudos sociais, os códigos e práticas deste grupo permite a interpretação e reflexão dos agentes para conceber sua tomada de posição, como estratégia de mobilidade dentro do espaço. É uma dualidade de estrutura (GIDDENS, 2003), onde a prática social na realidade constitui os trabalhos de acadêmicos, e os últimos com sua produção acadêmica interferem na atividade dos demais agentes. A relação não é direta e previsível, mas tem uma possibilidade de diálogo territorial pelo conteúdo e os interesses das pessoas. É desde uma forma de compreensão do artesanal como atividade cultural, econômica e laboral como se pode diferenciar na sociedade, permitindo que exista uma relação dinâmica entre os códigos ou símbolos que o representam, e as posições dos agentes que a produzem e constituem (SAPIEZINSKAS, 2012). Nesse sentido,

no século XXI, é relevante compreender a forma em que a produção acadêmica constitui um tipo de representações com a finalidade de observar os interesses e recursos que podem estruturar o campo artesanal atualmente, tanto na posição dos acadêmicos, como no conteúdo dos trabalhos e documentos.

3 MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho de pesquisa é de tipo descritivo, com metodologia de análise de conteúdo. Realizou-se uma busca no Portal de Periódicos CAPES, sobre artigos, dissertações e teses com as palavras-chave “artesanato” e “artesão”, em um intervalo de anos de 2000 a 2014. Para a palavra “artesanato” aparecem um total de 522 documentos, 394 artigos e 118 dissertações e teses, cinco artigos de periódico, dois recursos textuais, uma ata de congresso e uma resenha. Para a palavra “artesão” encontraram-se 136 documentos, 110 são artigos e 26 dissertações e tese. Além disso, realizou-se uma indagação na base de dados *Open Access Theses and Dissertations* (OATD) sobre dissertações e teses com as palavras “artesão” e “artesanato”, no período de 2000 até 2015.² Obteve-se um total de 232 documentos entre teses e dissertações.

O trabalho de análise permitiu depurar o número de documentos em função da repetição, o uso da palavra “artesanato” de forma metafórica, aqueles que não formam parte do território brasileiro, e aqueles que não tiveram informação completa para sua identificação. Assim, logo da discriminação dos documentos no Portal Periódicos CAPES selecionaram-se 87 documentos, dos quais 46 são artigos, 33 dissertações e oito teses. Na base de dados OATD, selecionaram-se 85 documentos, dos quais 66 são dissertações e 19 teses. Ao fazer o cruzamento dos dados, encontraram-se 28 repetidos no portal CAPES. Foram utilizados 172 documentos: 46 artigos, 99 dissertações e 27 teses.

As variáveis de análises são a identificação e o objeto dos documentos. Na identificação se descrevem as seguintes dimensões: título, autores, área de conhecimento, ano, tipo de documento, universidade ou centro de pesquisa e UF. No objeto, selecionaram-se as seguintes dimensões resumo e objetivos. A análise

² Para o ano 2015 decidiu-se integrar um documento para avaliação da base de dados OATD.

se faz na primeira variável no posicionamento dos agentes no campo, permitindo comparar a quantidade de agentes e o lugar onde se fala e se produz. O conteúdo dos trabalhos apresenta uma análise qualitativa, onde se reconhecem os interesses e representações do artesanal no campo.

3.1. POSICIONAMENTO E IDENTIFICAÇÃO

Como resultado na identificação dos documentos, há maior participação das mulheres na produção de conhecimento na área, aproximadamente 67%. É importante reconhecer que existe crescimento na participação da mulher tanto no trabalho artesanal, como em sua produção acadêmica, o que implica que é um espaço econômico e político de importância para a identificação e promoção da atividade laboral e cultural de gênero. As profissões destas pesquisadoras e pesquisadores (Tabela 1) apresentam maior participação de administradores (29) e *designers* (16). As engenharias têm significativa integração na produção acadêmica (13), o que tem relação com a promoção do melhoramento técnico e seu impacto na produção artesanal. As profissões das ciências sociais - como produtoras do discurso cultural artesanal no século passado seguem integrando o campo encontram-se, em especial, em trabalhos acadêmicos mais especializados como dissertações e teses.

Tabela 1. Número de pesquisadores sobre artesanato pelo tipo de documento (10 primeiras disciplinas)

Disciplinas	Artigo	Dissertação	Tese	Total
Administração	21	7	1	29
Design	2	11	3	16
Educação	4	7	4	15
Engenharia	5	8	0	13
Artes	1	9	2	12
Antropologia	2	4	4	10
Geografia	2	7	1	10
Psicologia	3	3	4	10
Biologia	4	4	1	9
Agronomia	7	0	1	8

Fonte: Portal Periódicos CAPES e OATD (2015). Elaboração do autor.

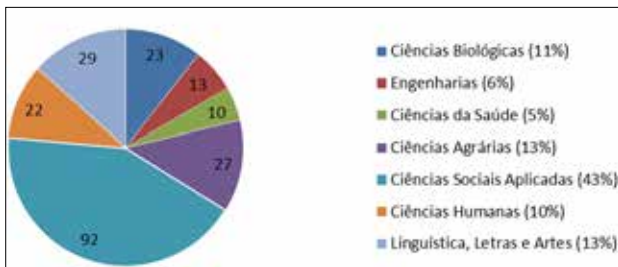


Figura 1. Produção acadêmica sobre artesanato por área de conhecimento CNPq
Fonte: Portal Periódicos CAPES e OATD (2015).

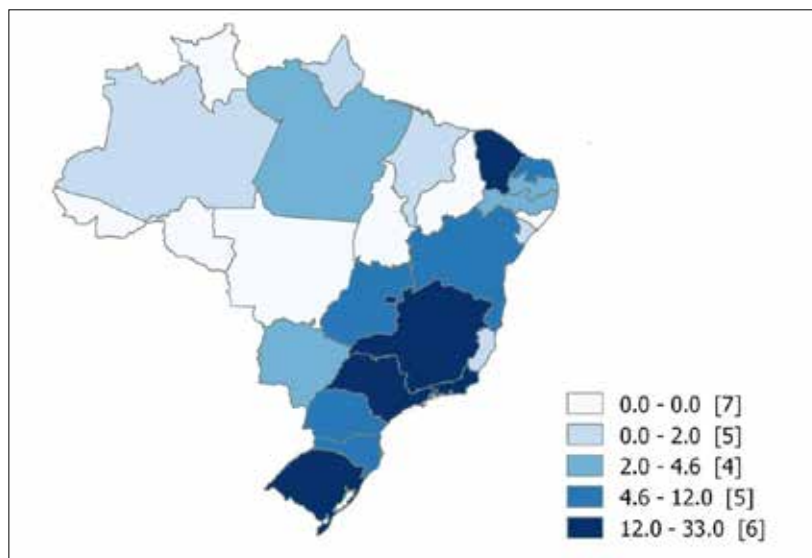
Para fazer uma relação mais geral, pode-se agrupar pela área de conhecimento aos pesquisadores (Figura 1), onde as ciências sociais participam de maior parte da amostra, o que se pode analisar na quantidade de pesquisas em administração, psicologia e antropologia. O que tem maior relevância nestes dados é que as áreas de ciências biológicas e de ciências agrárias se apresentam como relevantes em igual medida às ciências humanas e às artes. Sejam diferentes os objetivos pelas áreas, o significativo é que os acompanhamentos das ciências naturais são parte das novas mudanças no campo artesanal, seja no melhoramento da produção como na aplicabilidade técnica em qualquer parte do processo de produção. Embora exista maior participação de disciplinas na produção de conhecimento, não se pode argumentar que exista um processo de interdisciplinaridade, pois não existe contribuição significativa e contínua entre as áreas ou disciplinas desde projetos conjuntos, reconhece-se melhor como multidisciplinariedade (SCHIMANSKI; BOURGUIGNON, 2012).

Em relação aos centros ou instituições acadêmicas pode-se observar que, para um total de 67 universidades e centros de pesquisa no Brasil, aparecem nos documentos selecionados, as principais instituições para a produção sobre o artesanato pelos trabalhos acadêmicos são UFRGS (12), USP (11), UnB (10), e PUC-RJ (9) (Tabela 2). Ainda seja a UFRGS a que tenha maior frequência, é importante reconhecer que a Unicamp tem maior produção de teses na amostra de documentos, o que pode diferenciar o tipo de pesquisas e o tempo de desenvolvimento para a produção. Existe maior número de dissertações nas primeiras oito universidades, em especial na USP. Como centros de produção de conhecimento, pode-se olhar uma participação significativa de universidades metropolitanas.

Tabela 2. Produção acadêmica sobre artesanato nas 8 primeiras instituições universitárias pelo tipo de documento

Instituição	Artigo	Dissertação	Tese	Total
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	3	6	3	12
Universidade de São Paulo	0	8	3	11
Universidade de Brasília	1	7	2	10
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	1	5	3	9
Universidade Estadual de Campinas	0	1	6	7
Universidade Federal de Bahia	2	5	0	7
Universidade Federal do Ceará	0	6	1	7
Universidade Federal de Ouro Preto	2	4	0	6

Fonte: Portal de Periódicos CAPES e OATD (2015). Elaboração do autor.



Mapa 1. Distribuição de Universidades com produção acadêmica sobre artesanato por UF

Fonte: Portal de Periódicos CAPES e OATD (2015).

De forma geral, das 173 universidades e centros, em 20 Estados é onde se apresenta produção de documentos acadêmicos sobre o artesanal, os quais se encontram inscritos no portal CAPES e OATD. Embora os Estados que têm maior presença de universidades que produzem sobre artesanato são São Paulo (33), Rio Grande do Sul (22), Minas Gerais (22), Rio de Janeiro (15) e Ceará (14) (Mapa 1). Neste sentido, na amostra de documentos, existe falta de visibilidade de produção de conhecimento desde outros contextos, prevalecendo as regiões Sudeste, Nordeste e Sul. É importante referir o número de grupos de pesquisa relacionados nas linhas ou projetos sobre artesanato ou artesãos. No Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) encontram-se cadastrados 37 grupos, dos quais nove são da área de desenho industrial e são representativas as áreas de antropologia (3), educação (3) e ecologia (3), o que se corresponde com a forma de produção acadêmica das universidades.

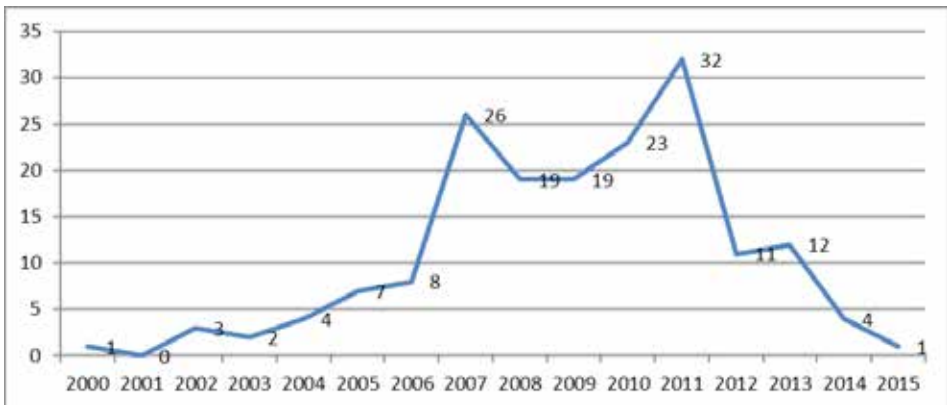


Figura 2. Produção acadêmica sobre artesanato pelos anos 2000 – 2015
Fonte: Portal de Periódicos CAPES e OATD (2015).

Por outro lado, pela amostra se expressa um crescimento da produção de trabalhos sobre artesanato nos últimos anos, principalmente desde o ano 2007. Existe uma continuidade na produção acadêmica devido a um tipo de institucionalização do artesanal, o que vem acompanhando os programas de governos estaduais e locais. Consegue-se um tipo de identificação acadêmica dos trabalhos, com referência a formas de trabalho com comunidades locais, das periferias urbanas e as zonas rurais. A continuidade no tempo pressupõe, então, a continuidade de forças políticas e econômicas na formação de um tipo de atividade de mercado cultural.

Desta forma, o posicionamento dos pesquisadores apresenta concentração da produção nas metrópoles, tem relativa continuidade e crescimento nos últimos dez anos, e as principais áreas acadêmicas são das ciências sociais, especificamente. As disciplinas de maior frequência são administração e *design* (desenho industrial). A posição dos acadêmicos no Brasil oferece a identificação espacial que ainda não constitui uma articulação direta a projetos políticos da sociedade civil, mas contribuem a uma reflexão dos agentes e objetos que constituem o campo artesanal.

3.2 O ARTESANAL COMO OBJETO DE ESTUDO E INTERESSE

Como forma metodológica, analisa-se o uso da palavra artesanato e artesãos. Como forma técnica de tratamento dos dados, realizou-se uma análise lexical dos textos pelo programa SPHINX, o que permitiu concentrar as palavras em seu ambiente contextual para uma comparação e leitura global dos textos. Na palavra “artesanato”, os documentos apresentam maior referência a três tópicos: o territorial, o econômico e o organizativo.

No territorial, os documentos da amostra apresentam continuidade na importância das características locais na produção do artesanato, integrando frequentemente a palavra ao lugar. É notável que a importância do fazer das comunidades rurais principalmente seja parte das pesquisas no artesanal. Utiliza-se de forma indistinta o conceito, sendo representativos os seguintes: artesanato tradicional (CARVALHO, 2001), artesanato indígena (CALDAS, 2007), artesanato rural (TEIXEIRA, F. F. et al., 2007), artesanato folclórico (AVELINO, 2007), artesanato popular (SOUZA, 2010) e artesanato local (CINELLI, 2010). Nesta visão o artesanato é objeto territorial, produto dos costumes, tradições e técnicas das comunidades locais, rurais ou populares; assim, não se pode perceber um interesse fora da territorialidade e sua implicação na população. Embora não seja específico o padrão teórico em alguns casos, o importante é que o uso da palavra tem forte contextualização local.

Na economia, diferentemente da anterior, encontra-se o problema técnico e de comercialização como um dos fatos mais relevantes. O interesse no melhoramento da produção dos artesanatos tem como finalidade contribuir com uma demanda

especializada de produtos de qualidade no mercado para melhor competição. Deste objetivo, há maior presença do discurso técnico ou focado nas matérias-primas (RAMOS, 2008), e como pode ser seu desenvolvimento na produção. Há exemplos como o artesanato de caixeta (CARVALHO, 2001), artesanato com palha de milho (TEIXEIRA, F. F. et al., 2007), artesanato de retalhos de tecido (TEIXEIRA, G. et al., 2011), artesanato de barro (LIMA, 2011), artesanato com lã de ovinos (ARRUDA et al., 2013), artesanato de cestaria (GOMES, 2008), entre outros.

No organizativo, apresenta-se uma frequência na participação dos trabalhos de pesquisa na intervenção e descrição das associações de artesãos. É frequente o interesse pela compreensão das empresas do setor artesanal, as formas de instituir a atividade diante programas e práticas de cooperativas e outros núcleos no trabalho artesanal. Tanto os trabalhos de antropologia como de *design* têm forte integração na forma de organização produtiva (CABRAL, 2007; METZKER NETTO, 2007; RESENDE, 2007; ALMEIDA, 2009), seja pelos interesses culturais ou comerciais, o significativo é que são agentes que têm muita participação na construção do campo artesanal.

A frequência da palavra artesão foi menor na ubiquação e seleção dos documentos, o que além de um processo técnico representa um indicador específico da importância principal do objeto artesanal frente às identidades dos sujeitos produtores. As mudanças no interesse acadêmico pelo melhoramento do setor artesanal têm uma lógica mais utilitarista na reprodução do artesanato como um produto especial que merece maior pesquisa para seu desenvolvimento no mercado nacional e globalizado. A relevância pode dar-se também pelo interesse das áreas de conhecimento, pois na prática das engenharias ou ciências agrárias, o fator do artesão é relativamente secundário, o que não implica que seja oculto. Não obstante, com maior participação das disciplinas das ciências naturais, os problemas na academia sobre o artesanal terminam se concentrando no artesanato como eixo principal.

3.3 PRODUÇÃO DO ARTESANAL E ACADEMIA

Ao fazer uma análise comparativa nas mudanças do campo artesanal como uma construção social e histórica e sua produção acadêmica, encontraram-se fortes

relações entre os interesses de pesquisa e os lugares onde se produz conhecimento sobre a atividade. Frente a pouca sistematização dos dados sobre os artesãos no Brasil, pode-se trabalhar uma análise de correlação com os dados da pesquisa feita em 2009 nos municípios do país (IBGE, 2010), como uma pesquisa de dados nacionais que permitem a relação conjunta de programas culturais, laborais e artesanais pelos municípios e cidade.

Como uma forma de fazer uma análise da problemática cultural e laboral do artesanato desde as posições e interesses da produção acadêmica do conhecimento, se analisam por um lado as porcentagens da quantidade de universidades que produz conhecimento pela UF, da quantidade de municípios com grupos de artesãos, da quantidade de municípios com programas de geração de trabalho e renda, da quantidade de municípios com legislação sobre patrimônio cultural e da quantidade de municípios com mecanismos ou programas de incentivo para empreendimentos (Tabela 3). Como se propõe na reflexão teórica, as tendências teóricas no campo artesanal estão na visão cultural ou patrimonial e a visão empresarial, o que não quer dizer que sejam contraditórias.

Tabela 3. Porcentagens de produção acadêmica sobre artesanato e legislação sobre patrimônio cultural e empresarial por região

(continua)

UF		A	B	C	D	E
Norte	RO	0	0,6	0,7	0,9	0,8
	AC	0	0,4	0,1	0,5	0,3
	AM	1,2	1,2	0,8	1,1	1,1
	RR	0	0,2	0,2	0,2	0,1
	PA	2,3	3,1	1,6	2,6	2,5
	AP	0,6	0,3	0,2	0,2	0,2
	TO	0	1,2	0,6	3	2
		4,1	7	4,2	8,5	7

(conclusão)

Nordeste	MA	0,6	2,9	1,3	3,4	2,9
	PI	0	2,6	1	3,9	1,8
	CE	8,1	4,2	2,5	4	3,3
	RN	4	2,8	1,3	2,7	2,5
	PB	1,7	3,2	1,5	4,4	1,7
	PE	1,7	3,8	2,4	4,4	2,6
	AL	0	1,9	0,6	2,2	1,3
	SE	1,2	1,4	0,6	1,6	1
	BA	4,6	8,1	4	7,6	5,8
		21,9	30,9	15,2	34,2	22,9
Sudeste	MG	12,7	16	43,4	11,2	12,6
	ES	1,2	1,8	1,9	1,8	1,3
	RJ	8,7	2,1	3,3	2,2	2,4
	SP	19,1	12,3	10,5	13,9	13,8
		41,7	32,2	59,1	29,1	30,1
Sul	PR	4	6,9	3	7,6	10
	SC	2,9	5,7	4,8	4,1	7,6
	RS	12,7	9,5	8,1	8,3	11,8
		19,6	22,1	15,9	20	29,4
Centro-Oeste	MS	2,3	1,6	1,1	1,6	2
	MT	0	2,5	1,7	2,3	3,4
	GO	2,9	3,5	2,7	4,1	5,2
		5,2	7,6	5,5	8	10,6
	DF	7,5	0	0,1	0	0
Total		100	100	100	100	100

Notas: A - Porcentagem de universidades com produção de conhecimento sobre artesanato; B - Porcentagem de municípios com grupos artísticos de artesanato; C - Porcentagem de municípios com legislação de patrimônio cultural; D - Porcentagem de municípios com programas de geração de trabalho e renda; E - Porcentagem de municípios com mecanismos de incentivo a empreendimentos. Fonte: Portal de Periódicos CAPES e OATD (2015); IBGE (2009). Fonte: Elaborado pelo autor.

Na relação cultural, pode-se observar que proporcionalmente da produção acadêmica (A) com a porcentagem de grupos de artesãos nos municípios (B) e de programas de patrimônio cultural (C) tem maior concentração nas regiões Sudeste, Nordeste e Sul, respectivamente. A região Sudeste tem alta quantidade de municípios com legislação sobre patrimônio cultural (59,1%) e a maior quantidade de universidades que produz conhecimento sobre artesanato (41,7%), o que pode ter uma relação concreta com o interesse de estudo da atividade cultural. Embora os dados dos grupos de artesanato avaliem a presença de grupos, e não o número total pode ser significativo ter como resultado uma relação direta com as porcentagens de produção acadêmica e políticas de patrimônio cultural, especialmente no sudeste e nordeste.

Os municípios da região Norte têm maior ausência de produção acadêmica sobre artesanato e baixas porcentagens na legislação cultural, o que permite compreender que a presença da atividade artesanal se encontra nas regiões de maior população e urbanização, gerando como possível tendência a produção de artesanato nas metrópoles acompanhadas de forte presença institucional do Estado e do mercado.

Na relação laboral ou de promoção ao empreendimento, pode-se observar que proporcionalmente a produção acadêmica (A) com a porcentagem de municípios com programas de trabalho e renda (D) e de programas de incentivo de empreendimentos (E) existe situação similar em que o sudeste apresenta maior quantidade e homogeneidade nos dados. Embora exista maior presença de incentivos nos empreendimentos em relação à produção de documentos sobre artesanato nas regiões do Norte e Centro-oeste. Nesta relação, os dados apresentam tendências de avaliação da distribuição das políticas e interesses frente ao campo artesanal, não obstante seja esta uma aproximação espacial, onde se produz conhecimento sobre artesanato no Brasil nas referências contextualizadas de emprego e proteção ao patrimônio.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção acadêmica acerca do artesanato, segundo a amostra de documentos estudada, apresenta as seguintes características: existe maior

participação de mulheres na produção de documentos, as profissões de maior participação são administradores e *designers*, a área de ciências sociais aplicadas tem maior porcentagem de documentos acadêmicos. Das 67 universidades ou centros de pesquisa, as principais foram UFRGS (12), USP (11), UnB (10), e PUC-RJ (9). Os Estados que expressam maior produção de documentos são: São Paulo (33), Rio Grande do Sul (22), Minas Gerais (22), Rio de Janeiro (15) e Ceará (14). Existe crescimento da produção desde fins da década passada. Em relação ao objeto, há três assuntos principais nos documentos: territorial, produto dos costumes, tradições e técnicas das comunidades locais, rurais ou populares; *econômico*, com interesse no melhoramento da produção dos artesanatos contribuindo a uma demanda especializada de produtos de qualidade no mercado para melhor competição; e organizativo, estudando as formas de instituir a atividade diante programas e práticas de cooperativas e outros núcleos no trabalho artesanal.

As mudanças da formação de um espaço de produção artesanal no século XX e sua consolidação na primeira década deste século permite reconhecer sua forte relação com a produção do conhecimento, principalmente nas áreas de empreendedorismo e *design*, o que assegura um tipo de interesse cada vez mais definido no desenvolvimento de empresas artesanais no capital. Embora existam, pela academia, interesses de crítica às formas de exclusão e desigualdade que caracterizam o campo artesanal, é notável que não seja um espaço disciplinar autônomo e contínuo, com formas institucionalizadas de produção, o que também tem correlação a falta de políticas públicas e informações oficiais de artesãos e artesanato no país. Embora exista um crescimento nos últimos anos de produção do artesanal e de conhecimento sobre ele, a integração social estatal e do mercado é ainda pouca e merece um fortalecimento na construção de instituições onde os saberes e conhecimentos sobre a atividade seja mais aberta e integradora das diferentes regiões do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. Entre arte e indústria: o artesanato em suas articulações com o design. *Espaço acadêmico*, v. 9, n. 102, p. 89-96, 2009.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas: Unicamp, 2002.

ARRUDA, D. O. et al. Artesanato com Lã de ovinos, turismo e desenvolvimento local. **Pasos revista de turismo y patrimonio cultural**, v. 11, n. 4, p. 661-670, 2013. Disponível em: <<http://pasosonline.org/articulos/download/file?fid=57.650>>. Acesso em: 2 dec. 2015.

AVELINO, C. O design, a arte e o artesanato deslocando o centro. **Cadernos EBAPE. BR.**, v. 5, n. 4, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cebape/v5n4/v5n4a08.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectivas, 2007.

CABRAL, F. **Saberes sobrepostos: design e artesanato na produção de objetos culturais**. 2007. 146f. Dissertação (Mestrado em Artes e Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

CALDAS, I. A visibilidade do trabalho das mulheres Ticunas da Amazônia. **Revista estudos feministas**, v. 15, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000200014>. Acesso em: 20 nov. 2015.

CARVALHO, H. C. B. **Artesanato de caixeta em São Sebastião – SP**. 2001. 155f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Universidade de São Paulo, Piracicaba, SP.

CHAUÍ, M. **Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

CINELLI, M. A Inter-relação do artesanato tradicional com a Mata Atlântica e seus ecossistemas associados na Rota Turística do Verde e das Águas. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 3, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.sbecotur.org.br/rbecotur/seer/index.php/ecoturismo/article/view/38>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

CORRÊA, R. **Narrativas sobre o processo de modernizar-se: uma investigação sobre a economia política e simbólica do artesanato recente em Florianópolis, Santa Catarina, BR**. 2008. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. Brasília: Ed. da UnB, 1963.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martin Fontes, 2003.

GOMES, L. M. R. **Medidas para o desenvolvimento de um turismo sustentável no Distrito de Lavras Novas, Ouro Preto – MG**. 2008. 93f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG.

HUNOLD, S. Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil. **Projeto Historia**, v. 16, p. 25-38, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Perfil dos Municípios Brasileiros 2009**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

LIMA, A. M. **Saúde e segurança do trabalhador do barro em arranjos produtivos locais: o caso do artesanato de barro nos bairros olarias e Poti Velho na cidade de Teresina – Piauí**. 2011. 190f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, SP. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/104291>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

MARTINS, M. **Entre a cruz e o capital: As corporações de ofícios no Rio de Janeiro após a chegada da família real (1808-1824)**. 2007. 238f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ.

MARX, K. **O Capital Livro I**. São Paulo: Boitempo, 2013 [1890].

MARX, K. **O Capital Livro II**. São Paulo: Boitempo, 2014 [1884].

MARX, K. **Teorías sobre la plusvalía I**. Tomo IV de El Capital. México: FCE, 1980.

METZKER NETTO, C. **Redes e relações sociais no setor de calçados da feira de artes, artesanato e produtores de variedades da avenida Afonso Pena**. 2007. 90f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

PEREIRA, C. **Síntese de um programa para organização e desenvolvimento do artesanato na Bahia**. Rio de Janeiro: SENAI, 1956.

RAMOS, I. S. A indústria cerâmica vermelha de Campos dos Goitacazes e a inclusão social das artesãs da baixada campista através do projeto Caminhos de Barro. **Cerâmica**, v. 54, n. 331, p.280-286, 2008.

RESENDE, L. L. **Responsabilidade social nas relações entre designers e artesãos**. 2007. 174f. Dissertação (Mestrado em Artes e Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

SALZANO, F. A Antropologia no Brasil: é a interdisciplinaridade possível? **Amazônica**, v. 1, n. 1, p. 12-27, 2009.

SAPIEZINSKAS, A. Como se constrói um artesão: negociações de significado e uma “cara nova” para as “coisas da vovó”. **Horizontes Antropológicos**, v. 18, n. 38, p. 133-158, 2012.

SCHIMANSKI, E.; BOURGUIGNON, J. A. Interdisciplinaridade e o terreno científico do conhecimento e da prática profissional. **Confluências**, v. 13, n. 1, p 143-160, 2012.

SERAINE, A. B. M. S. **Ressignificação produtiva do setor artesanal na década de 1990**: o encontro entre artesanato e empreendedorismo. 2009. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009.

TEIXEIRA, F. F. et. al. Caracterização de Variedades de Milho quanto a Palha para Artesanato e Desempenho Agrônômico. EMBRAPA Milho e Sorgo, 2007. Disponível em: <<http://www.alice.cnptia.embrapa.br/handle/doc/490622>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

TEIXEIRA, G. et. al. O artesanato de retalhos da comunidade quilombola de Giral Grande. **Interações**, v. 12, p. 149-159, 2011.

VEGA, D. **El campo artesanal**: aporte teórico social y pedagógico. Tunja: FUJC, 2013.

Recebido em: 19 de julho de 2016
Aceito em: 30 de novembro de 2016